"IV ENCONTROS INTERNACIONAIS DE ARTE 1977-2002"

25 anos depois dos IV Encontros Internacionais de Arte

Há 25 anos, escrevia-se na primeira página da Gazeta das Caldas - edição de 3 de Agosto de 1977 - que .a fisionomia dos vereneantes caldenses se alterou com a chegada maciça de mais de uma centena de artistas portugueses e estrangeiros...portadores de hábitos excêntricos, talvez chocando um pouco o "modus vivendi" da população da região...

Decorria o ano de 1977, Caldas preparava-se para comemorar os sues 50 anos de cidade, a Câmara tinha o seu primeiro município resultante de eleições democráticas há sete meses, e. desde o dia 1 de Agosto que a centena de artistas - nacionais e estrangeiros -, muitos dos quais, hoie, internacionalmente conhecidos, aqui se reuniram, para a realização dos IV Encontros Internacionais de Arte, que se prolongaram até ao dia 12 de Agosto.

"Foi um dos maiores festivais de arte no período pós-25 de Abril e que ficou na memória de todos". diz-nos hoje o pintor Jaime Isidoro, um dos organizadores deste evento que, em parceria com Egídio Álvaro, iá tinham realizado as anteriores edições em Valadares, Viana do Castelo e Póvoa do Varzim.

Algumas das manifestações, mais de vanguarda, chocaram a população local e como, todos os que assistiram ou participaram testemunharam dizem que, se fosse hoje, "nada disto tinha acontecido", mas apenas três anos depois da Revoucão dos Cravos, havia ainda muitos preconceitos a derrubar e a população não entendia, de facto, algumas das intervenções.

E se algumas pessoas deliravam e perguntavam entre si "onde vai decorrer a próxima?" - outros, chocados e perturbados, chamavam "malucos" aos artistas e diziam-lhes "vão trabalhar" entre outros mimos mais sérios que acabaram por culminar em actos de violência e com a necessária intervenção policial para proteger diversos auto-

E se algumas das performances eram mais ousadas. com artistas nus fazendo performances em locais públicos, muitos outros produziram interessantes obras como foi o caso da escultora Clara Menéres que queira fazer na antiga Praça do Peixe um monumento alusivo ao 16 de Março e que, no último dia do evento, foi literalmente destruído por populares à picareta.

"Terminaram mal os IV Fncontros Internacionais das Caldas da Rainha" anunci- ve dança, performances, inava a comunicação social local e nacional (incluindo a RTP, só que sem directos que não existiam na época para estas coisas) sobre este evento, percursor de muitas iniciativas que decorrem hoje por todo o país

Nestes encontros participaram vários artistas nacionais e estrangeiros que já tinha ou tiveram mais tarde reconhecido prestígio entre eles, além dos nacionais Nadir Afonso, Artur Bual, Albuquerque Mendes. Clara Menéres ou Graça Morais, os tervenções em espaços públicos num sem fim de apresentações

"Torna-se difícil descrever tudo o que assistimos durante a tarde apenas recomendamos aos leitores que apareçam e participem, Não se admirem do choque que poderão sofrer ao assistirem a certas intervenções", afirmava-se na Gazeta das Cal-

Estas apresentações decorriam em vários espaços como no parque, na mata, nas praças da Fruta e do Peipois logo na primeira intervenção do colectivo de artistas portugueses Puzzle do qual faziam parte, entre outros, a pintora Graca Morais - teve uma reacção porque "inesperadamente estes artistas iniciaram um ritual no parque que mobilizou a atenção dos passantes". Alguns mais incomodados ao se depararem com algumas personagens, trajando exoticamente com máscara, alertaram os guardas do parque, que tentaram providenciar para que a polícia viesse investigar o dores aos agentes da autoridade que diziam estar a cumprir ordens dos seus superiores". Mais tarde o Comissário da PSP deslocouse ao Parque para pedir desculpa pelo acontecido "que não passou dum momento divertido e que viria a ser objecto da história do dia"

Quando, na conferência da apresentação do evento, um participante questionou Egídio Álvaro, sobre quais os critérios de selecção dos artistas que participam nos Encontros, tendo o organizador respondido que, em relação aos estrangeiros, que eram sobretudo franceses, "foram convidados os mais significativos de correntes modernas que ao aceitarem participar suieitam-se às condições dos demais participantes sem lhes ser dado destaque em relação aos demais". Sobre a participação de artistas portugueses explicou ainda que há convites especiais para artistas com obras escolhidas para exposições temáticas.

UM SUPLEMENTO DEDICADO AO EVENTO

Numa altura em que este iornal se debatia com problemas de falta de papel e que as tecnologias ainda não permitiam revelações de fotografias instantâneas ou mesmo a publicação de muitas imagens - tinham que ser enviadas para Lisboa para passarem a zincoogravura -, surge na edição de 29 de Julho de 1977 um suplemento de arte, inteiramente dedicado aos IV Encontros e que foi elaborado por Egídio Álvaro, que agradecia à Gazeta a possibilidade de "apresentar à população caldense um panorama daquilo que durante doze dias vai acontecer das propostas nacionais e internacionais que modificarão radicalmente o panorama artístico português".

Pretendia-se desta forma criar um espaço de liberdade, de confronto, de criação, de diálogo e de acção. O obiectivo destes Encontros era "através de uma abertura total sobre a cidade da análise do fenómeno artístico contemporâneo - dar a Portugal uma estrutura artística de grandeza europeia que nos permita ultrapassa os velhos esquemas colonizantes, os complexos de inferioridade e o isolamento aberrante que caracterizam ainda vastos sectores da nossa arte e da nossa cultura"

Tal como nas suas anteriores edições, estes encontros dedicavam-se principalmente a três áreas: Exposições, Debates e Intervenções no Espaço Urbano. Mas para estes quartos encontros estavam previstas intervenções (performances) em espaços delimitados e espectáculos variados desde ballet teatro, música experimental, palhaços e fantoches "numa abertura pluridisciplinar que nos parece essencial". É neste suplemento que vários artistas nacionais e estrangeiros expõem as suas ideias sobre as obras e performances que iriam realizar durante esta estadia caldense

PROPOSTAS ARROJA-DAS POR TODA A CIDADE

Pelas Caldas foram apresentadas as mais arrojadas apresentações, por exemplo, o grupo que integrava autores como Serge III Oldenboura e Robert Filliou - dois artistas que acancaram fama mundial, segundo Jaime Isidoro - Fernando de Filippe, Giner e Nicole Gravier participaram na exposição Objecto/Subversão. Para o escultor Tobas era importante fazer uma escultura para deixar nas Caldas "num sinal/ homenagem à coragem que um país pobre que faz o trabalho que os países mais ricos não fazem. Deixar assim em Portugal o traço da nossa passagem e do nosso diálogo com as populações'

Participou ainda um colectivo "Enfermement/Rupture". - constituído por Françoise Janicot, Claudette Brun, Isabelle Le Vigan, Françoise Eliet, Lea Lublin, Tania Mouraud, Greta Grywacz, Monique Frydman, Elisa Tan e Colette Deblé - formado em 1976 e que organizava regularmente encontros de mulheres artistas e teorizadoras que se interrogam sobre as práticas simbólicas das mulheres. Tinham como objectivo dar a conhecer e difundir o traba-Iho feminino e discutir as grandes propostas avançadas pelas mulheres no movimento de libertação.

Uma outra exposição intitulada "Panorama do Realismo Europeu" reuniu artistas como Teresa Gancedo, Joan Rabascall, Sarah Wiame, Natividade Correa e João Dixo ou ainda, uma outra, que reuniu apenas trabalhos de artistas portugueses. Intitulada "Vanguardas/ Alternativas2" da qual fizeram parte dois pintores e dois escultores: Clara Menéres, Sérgio Pombo, Egídio Álvaro e Fátima Vaz



nnarciso@gazetacaldas.com





A população participando nos Encontros

artistas estrangeiros como - xe, no Museu Malhoa, na Serge III Oldenbourg, Orlan e Robert Filliou

A CIDADE COMO PRINCIPAL ESPAÇO DE INTERVENÇÃO

Os artistas nacionais e estrangeiros realizaram as mais diversas intervenções, mas também um debate de apresentação dos próprios encontros com a projecção de slides e de um filme 8mm sobre a edição anterior. HouCasa da Cultura, nas instalações do Banco Português do Atlântico ou na Foz do Arelho. Os programas de intervenção eram afixados diariamente no parque, iunto ao museu e na praca, iunto ao turismo. Junto ao café Zaira encontrava-se um centro de informação permanente

Mas o conselho da Gazeta das Caldas, para que as pessoas não se chocassem, não surtiu o devido efeito,

que se passava. Apesar das explicações dos organizadores do evento, as pessoas assustaram-se e chamaram a polícia - dois agentes à paisana "dirigem-se ao parque na tentativa de deter os insólitos visitantes

Gazeta das Caldas descreve o acontecido como uma cena rodeada dum certo humorismo "o que viria a terminar em bem, como mandam as regras destas coisas, após um esclarecimento feito pelos organiza-

Memórias de uns encontros transformados em desencontros

Em 20 de Julho de 1977 a titulava na sua primeira página "Caldas da Rainha e Kassel (Alemanha Federal) capitais da Arte Contemporânea durante o mês de Agosto).

O espanto que deve ter invadido os leitores do nosso jornal veio a confirmar-se, algumas semanas depois, quando se iniciaram verdadeiramente os chamados IV Encontros Internacionais da Contemporânea, integrados nas festividades do 50º aniversário da elevação a cidade, que trouxeram até nós - pouco mais de três anos após a queda da ditadura -, mais de uma centena de artistas, jornalistas e críticos de arte de vários países, usando os espaços públicos para apresentarem as últimas novidades mundiais da expressão artís-

O principal responsável pelos Encontros, Egídio Álvaro, artista e crítico de arte, residia em Paris onde possuía uma galeria de arte e tinha passado pelas Caldas 17 anos antes, onde havia prestado o seu serviço militar e colaborado com o CCC (Conjunto Cénico Caldense), incentivando na altura a criação dum cine-clube.

Gazeta das Caldas associou-se de imediato à organização, que era da responsabilidade do município, então presidido por José Luís Lalanda Ribeiro, tendo publicado um suplemento especial da autoria do próprio Egídio Álvaro, que não viria a ter continuidade pela falta de papel de jornal

ESPAÇO DE LIBERDADE, DE CONFRONTO, DE CRIAÇÃO, DE DIÁLOGO E DE ACÇÃO

Nesse Suplemento dizia-se logo na primeira página que os Encontros "agradecem vivamente à Gazeta das Caldas todo o apoio que lhes tem sido, bem assim como a simpatia extrema com que abriram as suas colunas a alguns suplementos gracas aos quais podemos apresentar à população caldense um panorama daquilo que durante doze dias vai acontecer, das propostas artísticas nacionais e internacionais que modificarão radicalmente o panorama artístico na-

Depois caracterizavam-se os Encontros como "espaço de liberdade, espaço de confronto, de criação, de diálogo e de

Egídio Álvaro contava com a colaboração de outro pintor e galerista portuense, Jaime Isidoro (proprietário da Galeria Alvarez no Porto) e como apoios muito variados como da então

Secretaria de Estado da Cultura. Direcção Geral de Turismo. da Fundação Calouste Gulbenkian, do Grupo Puzzle, etc.

NOMES CREDENCIADOS

Entre os presentes em 1977 vemos nomes hoje bastante credenciados ao nível da cultura portuguesa e internacional, como Jaime Silva, Graça Morais, Artur Bual, Albuquerque Mendes, Natividade Correa, Manoel Barbosa, Nadir Afonso, Alvess, Marília Torres, Sérgio Pombo, João Dixo, Da Rocha, e os estrangeiros Fernando de Fillipo (actualmente director da Accademia di Belle Arti di Brera), Michel Hallet, Serge Oldenbourg (Serge III), Robert Filliou, Giner, Orlan, Nicole Gravier, Tobas, Sara Wiame, Teresa Gancedo, Joan Rabascall, Jean-Michèle Lopez, Pierre Nogues, Gérad Tiné. (Se o leitor quiser verificar o que estamos a dizer poderá fazer uma pesquisa na Internet).

Estiveram ainda Françoise Janicot, Claudette Brun, Isabelle Le Vigan, Colette Deblé, Françoise Eliet, Monique Frydman, Michèle Herry, (autoras do texto colectivo feminista Enfermement/Rupture "publicado em 1977 na revista l'Humidité) que foram as responsáveis por uma performance com "um banho de chocolate seguido de pintura em papel de cenário" que causou sensação entre os que assistiram e pôs a correr imensos boatos na cidade.

No Museu Malhoa fez-se também uma retrospectiva e prestou-se homenagem aos primeiros modernistas portugueses, como Amadeo Sousa-Cardoso, Eduardo Viana, Almada Negreiros e Santa Rita, os contrapontos na pintura da época aos literatos como Fernando Pessoa e Maria Sá-Carneiro.

CIDADE COSMOPOLITA TRANSFORMADA EM CONSERVADORA

Durante os Encontros actuaram grupos de música experimental (Operação Ceros), aconteceram espectáculos de ballet moderno (da Companhia de Michel Hallet) e de teatro (Os

E continuava o articulista: "Se a pretensão destes "artistas" era "provocar" a população, podem gabar-se de o ter consequido: cenas como a "venda simbólica do corpo" ou a passear nua na Praca foram claramente "recusadas" – e resta perguntar qual o sentido artístico de tais comportamentos.'

Podia ler-se ainda sobre os desacatos numa interpretação muito própria da época: "Mas a natural reacção a estas "anormalidades artísticas" permitiu desmandos de cariz nitidamente político e reaccionário, como a destruição de um monumento comemorativo do 16 de Março "construído por professores da Escola de Belas-Artes e oferecido à Cidade como recordação daquilo que é considerado como o primeiro passo do 25 de Abril. Tal destruição não pode confundir-se com a natural recusa da população às propostas pseudo-culturais de uns tantos "vanguardistas": a destruição da estátua evocativa da marcha (frustrada) do RI5 sobre Lisboa é uma clara manifestação fascista levada a cabo por pequenos grupos de arruaceiros."

ONDE ESTÁ O MUSEU DE ARTE MODERNA NAS CALDAS?

O então e actual director escrevia em contrapartida um texto noutro sentido, intitulado "A Arte Sintoma?" (que voltamos a publicar nesta edição) e que começava pela seguinte afirmação: "Controverso, violentamente contestado, religiosamente seguido, mesmo pelos seus mais violentos opositores, são os Quartos Encontros Internacionais de Arte, o quotidiano das Caldas (foram-no desde o início do mês até...) o "leit-motiv" de todas as conversas do povo desta região, que um tanto inesperadamente tem assistido (participado?) às intervenções mais incompreensíveis (?) e tão distantes da sua vivência pacata."

Acrescentava tentando interpretar: "Pedra no charco, tempestade depois de tantos anos de acalmia, estes Encontros têm sido importantes até por não deixarem ninguém indiferente. Perante cada obra, cada intervenção, cada espectáculo, ninguém fica indiferente, todos tomas posição.

Depois de analisar muitos dos acontecimentos, acabava por referir uma das conquistas que havia sido prometida na



"As Crianças e os Outros" pelo casal britânico Miller e Cameron

acção", numa tentativa de estabelecer uma "abertura total sobre a cidade, da análise do fenómeno artístico contemporâneo, da análise da trama cultural ligada às nossas vivências da equacionarão da problemática actual e do quotidiano, da activação das potencialidades criadoras da colectividade e do confronto permanente de experiências e de práticas", dizia enfim o organizador "dar a Portugal uma estrutura artística de grandeza europeia que nos permita ultrapassar os velhos esquemas colonizastes, os complexos de inferioridade e o isolamento aberrante que caracterizam ainda vastos sectores da nossa arte e da nossa cultura"

Mas, afinal, apesar destes objectivos demasiado avancados ou "revolucionários" em termos artísticos para a época (apesar de julgarmos que algumas das manifestações artísticas realizadas naquela época provavelmente hoje levantariam nas Caldas idênticas reacções), alguns sectores da população vieram a rebelar-se contra aquela comunidade artística contemporânea, bem como contra a autarquia que havia organizado e patrocinado a mesma, tendo sido produzidos uma infinidade de comunicados e de declarações de princí-

Como muitos dos nosso leitores se recordarão, as principais intervenções artísticas estavam centradas no Museu de José Malhoa, na Casa da Cultura e no Parque, mas, em função da maior ousadia dos artistas, as mesmas estendiamse a toda a cidade, qualquer que fosse a hora do dia e as condições de preparação do espaço ou o tipo de assistência.

Estes Encontros vieram na sequência de três anteriores, realizados no norte do país nos verões posteriores a 1974. mas que haviam reunido um número inferior de intervenientes, e que, por isso, tinham atraído menos a atenção, até porque não haviam sido tão ousados

Hipopótamos, a Comuna e o grupo de Fantoches de Ferreira do Zêzere), decorreram debates sobre a arte (alguns dos temas foram "O Ensino da Arte", "A produção artística feminina" e "A Arte para quê, para quem?"), registos artísticos nas areias da Foz do Arelho, "venda de beijos" nas salas do Museu, intervenções em que participaram anónimos vendedores da praça da fruta ou do peixe, manifestações de eco-arte na mata, tudo para quebrar a pacatez duma cidade que fora cosmopolita nos anos 40 e que se havia acomodado aos hábitos da cultura dominante, apesar de experiências inovadoras no campo do teatro e cinema.

O auge da controvérsia ocorreu no último dia dos Encontros quando um grupo de artista se preparava para fazer uma homenagem ao 16 de Marco com uma intervenção num empedrado da Praça do Peixe, o que suscitou uma reacção de populares que destruíram o trabalho realizado e quase provocaram algumas cenas de pancadaria.

Nas próprias colunas do nosso jornal se pode analisar a controvérsia, mesmo entre o corpo redactorial, com colaboradores a escreverem em sentidos contrários. Mas as principais polémicas passaram-se entre os partidos locais

Um dos colaboradores escrevia com o título "Terminou mal o IV Encontro Internacional de Arte Contemporânea" que 'o balanço [do Encontro] parece ser um pouco negativo: entre os presente (convidados? Pagos?) e ao lado de homens e grupos com mensagens e técnicas artísticas de valor, surgiram vários adeptos da "contracultura", cujo comportamento provocatório nada teve de artístico e provocou vivas reacções de alguns sectores da população (de Caldas e de outras terras, segundo as versões dos jornais e da TV), reacção essa que se traduziu em lamentáveis cenas de violência e vandalismo, particularmente notadas no dia 12.º

época, e que infelizmente se veio a perder a seguir por incúria, vergonha, medo, ignorância (?), não sabemos

Durante os Encontros havia sido anunciada a oferta à Cidade de uma obra por cada artista participante para formar, em colaboração com o Museu de José Malhoa, o primeiro Museu de Arte Moderna em Portugal, que seria o Museu daqueles Encontros e "um espaço vivo de arte moderna no nosso país"

Várias obras oferecidas permaneceram ainda na nossa cidade durante algum tempo, tendo posteriormente, perante o desinteresse local, sido levadas não sabemos bem para onde. Hoie, se se tivessem mantido na nossa cidade esse espólio, seriam um repositório de valor incalculável, com obras de artistas hoie de nomeada internacional e mundial.

Para realizarmos esta evocação e foi difícil encontrar nas Caldas alguma informação sobre os Encontros, com excepção do nosso jornal, que guarda boa parte da memória deste acontecimento.

Relembramos hoje este acontecimento, quando passam precisamente 25 anos da ocorrência dos IV Encontros Internacionais de Arte Contemporânea, tendo a noção perfeita do que deu origem à controvérsia e à reacção (compreensível) da população, mas também da perda que houve pela falta de visão daqueles que deviam estar mais despertos para a oportunidade que foi criada e não concretizada. Não da repetição dos V Encontros nas Caldas o que era impossível, mas para a manutenção na nossa cidade do espólio que, visto um quarto de século depois, poderia servir como uma atracção importante para uma cidade que hoie se quer afirmar no campo do ensino e da formação artística e cultural

"CALDAS ERA A CAPITAL CULTURAL DO DISTRITO NA ÉPOCA"

das fossem, mais tarde, ce-

didas para um futuro Museu

de Arte Moderna, mas como

"nunca houve hipótese de

construir esse museu, es-

sas peças nunca vieram.

Creio que o pintor Jaime Isi-

doro ficou como depositário

Recebeu de facto informa-

"uma senhora que se

despiu e que se atirou ao

lago ou intervenções de

poesia em papel higiénico,

incomodaram as pessoas"

uma exposição de objectos

fálicos que foram colocados

lhoa e que foram mandadas

retirar pelo director de então,

Saavedra Machado, "Nessa

inauguração eu ainda cá

estava e lembro-me que fi-

cámos ambos de sorriso

amarelo e pensámos: Isto

O então edil ainda recor-

da que naquela altura, "as

Caldas era considerada a

capital da cultura do distri-

to de Leiria" tal como afir-

mou, no dia 26 de Agosto,

na cerimónia solene das co-

memorações de elevação a

cidade, o Governador Civil

"Também julgo que hou-

ve alguma provocação nas

manifestações, mas não

num sentido negativo. Pen-

so que, se fosse hoje, com

certeza que já não choca-

va as pessoas". A cargo da

autarquia ficou todo o apoio

logístico, o alojamento e a

alimentação dos artistas.

Segundo Lalanda Ribeiro, e

apesar dos distúrbios causa-

dos pela população, os IV

Encontros foram "percurso-

res de eventos que hoje se

realizam". O ex-autarca dis-

se ainda que não se recorda

do aproveitamento político

que o evento suscitou, a pos-

teriori, nos vários partidos.

de então. Rocha e Silva.

vai suscitar reaccões...

junto a obras do Museu Ma-

Lalanda Ribeiro lembra

ções de que a população das Caldas não reagiu bem a algumas das intervenções

do que aqui se produziu".



Lalanda Ribeiro era o presidente da Câmara em 1977. eleito sete meses antes, e recorda que, nesse ano, se comemoravam os 50 anos de elevação das Caldas a cidade. Assim, a edilidade, entre as várias formas de comemoração, decidiu aceitar a proposta do pintor do Porto, Jaime Isidoro que, em parceira com Egídio Álvaro, a organização da 4ª edição dos Encontros Internacionais de Arte.

"Ficámos muito entusiasmados com o projecto" e recorda que, já na altura, segundo palavras de Jaime Isidoro, "que muitos dos que iriam participar seriam grandes artistas no futuro, facto que se veio a confirmar"

Houve inicialmente alguns problemas logísticos que foram logo resolvidos" e, entretanto o edil de então, partiu para gozar o seu período de férias. "E qual não foi o meu espanto quando, de férias nos Acores. li no semanário Expresso, que os Encontros nas Caldas tinham terminado bruscamente com intervenções de violência por parte da população"

A seu ver, os Encontros acabaram "de forma inglória" e ainda lamenta os factos pois "poderia ter sido uma boa altura para as Caldas ficar com um património artístico importante".

Lalanda Ribeiro explicou ainda que havia um acordo para que as pecas produzi-

"O PRIMEIRO GRANDE FESTIVAL DE ARTE DO PÓS 25 DE ABRIL"



Jaime Isidoro e Egídio Alvaro também numa

Para o pintor Jaime Isi- "onde as pessoas nos cer-Encontros nas Caldas. deveu-se ao facto de não dade "com grandes tradições artísticas"

Conta que nesta edique ficará na memória tarristas e um fadista, de todos'

que povo' as pessoas.

Afirma, no entanto, que tre nacionais e estrana arte "provoca sempre, geiros. Serge III Oldendesde o início dos tem- bourg e Robert Filliou Relembra, hoje, com humor, que foram trangeiros que, segundo 'corridos" até de um jan- Jaime Isidoro "alcançatar que fizeram no Parque, ram fama mundial"

doro, a decisão de reali- caram e nos chamavam zar a quarta edição dos malfeitores...tivémos que sair ela janela"

Recorda o organizador só contarem com o apojo do evento que lembra que da autarquia como o tam- além das mais variadas inbém por ser uma locali- tervenções, contou com palestras no Museu de José Malhoa que foram "muito activas e frequentação participaram 50 ar- das". Aliás, neste espatistas nacionais e 50 es- ço museológico, um dos trangeiros e, na sua opi- autores franceses, inspinião, tratou-se de facto rado no "Fado", levou do "primeiro festival de para junto da tela do pinarte do pós-25 de Abril tor naturalista, dois guicomo se, de repente, a Explicando o intuito tela desse lugar a perso-Encontros de nagens de carne e osso. Arte, o pintor explicou Vinte e cinco anos "pretendíamos passados sobre o evende facto colocar a to, Jaime Isidoro comenarte na rua e dialogar ta que se fosse hoje "já sobre ela com o nada aconteceria, pois Segundo este este tipo de intervenartista havia uma in- ções são mais do que tenção de esclareci- normal". O pintor relemmento e não declara- brou a importância artísdamente de provocar tica de muitos dos autores que participaram en-

foram dois artistas es-

"SÃO ARTISTAS E NÃO FAZEM MAL A NINGUÉM"



António Vieira, vendedor na Praca desde 1972, recorda-se das várias realizações que fizeram parte dos IV Encontros Internacionais de Arte, nas Caldas da Rainha. Lembra-se das performances que tiveram lugar nas Praças da Fruta e do Peixe e "também houve vários eventos no Museu Malhoa".

Recorda que marcaram presença muitos artistas estrangeiros e "havia pessoas que diziam que eles eram malucos e que andavam para aí a fazer coisas parvas"

Mas na sua opinião, "eles até fizeram coisas interessantes, houve um grupo que pintou os painéis que até eram muito bonitos". Soube que na altura houve problemas, por exemplo, na Praça do Peixe, mas nesse dia não assistiu às intervenções. Lembra-se como se fosse hoje que a sua esposa não concordava com nada do que se passava e ele dizia-lhe "não vês que são artistas, não fazem mal a ninguém"

Mas muita gente não aceitou nada bem e "só os mandava ir trabalhar". Na opinião de António Vieira, apesar de algumas manifestações mais arrojadas, "não os vi ofender ninguém e se fosse hoje, já não acontecia nada, mas na altura, ainda havia muita gente ligada ao antigo"

Apesar da controvérsia, houve muitos outros tipos de intervenção que não geraram qualquer tipo de reacção negativa, o que leva António Vieira a concluir que "a mim não me perturbou nada, eu até gostei pois eram coisas diferentes do que estava habitu-



Para Jaime Neto, comerciante de uma loja da Praca da Fruta, os IV Encontros de Arte também não passaram despercebidos, Recorda este comerciante nos seus 77 anos que os artistas se reuniam na Praça da Fruta, local onde chegaram a fazer pinturas e "eram de várias partes do mundo". Inclusivamente chegou a conversou com alguns, em especial, com franceses iá que aprendeu a dominar a língua gaulesa na Escola Comerci-

"As pessoas, ao princípio, não aceitaram bem, pois era algo desconhecido". Mas com o decorrer da iniciativa "eu acho que já os aceitavam". Além do Parque recorda que assistiu a algumas intervenções decorridas também na Praça do Peixe, "onde ainda estava o Pinheiro Chagas" Possuidor de um grande entusiasmo pela vida, do pouco que ainda recorda deste evento decorrido há 25 anos "lembro-me de ter gostado de algumas pinturas que eles fizeram no Museu de José Malhoa"

ASSALTANTES OU ELEMENTOS DE UM GRUPO **CIRCENSE?**

Para Jaime Silva, um dos participantes nos Encontros, que fazia parte do Grupo Puzzle, os IV Encontros realizados nas Caldas foram, de facto, muito importantes pois até aí, nas edi-ções anteriores, "não tinham ganho esta projecção internacional e, aliás, depois não voltou a acontecer nada de semelhante"

Diz ainda que os dois organizadores Jaime Isidoro e Egídio Álvaro estavam bem posicionados do ponto de vista artístico e de organização deste evento anual. Por tudo isso "foi uma edição mesmo muito importante" ainda para mais, a poucos anos do período quente da Revolução.

Acha ainda que a população teve uma importante participação, quer fosse negativa ou positiva - mas "revelou um grande desconhecimento sobre aquele evento"

E ilustra com dois exemplos: No decorrer dos Encontros foi para cortar o cabelo e qual não foi o seu espanto, quando o barbeiro lhe perguntou se ele, tal como os outros artistas, "pertencíamos a um grupo de circo". Ou ainda quando o grupo Puzzle se preparava para uma intervenção no Parque, com todos os artistas trajados de branco, "as pessoas chamaram a polícia pois, achavam que os autores, assim vestidos, podiam ser assaltantes". Atribui de facto estas reaccões à desinformação das pessoas pois, todos tinham escrito Grupo Puzzle nas suas roupas

"Vivia-se numa situação política explosiva, o que despertou reaccões de rejeição e de aceitação nas pessoas", disse. No entanto, os Encontros apresentaram uma nova actuação e reformulação artística e contaram com a "participação activa e atenta da população", à semelhança do que já acontecera, por exemplo, na edição anterior, decorrida na Póvoa do Varzim, onde houve também manifestações e debates muito dialogantes no Casino.



IV alogo Gazeta das Caldas

"ENCONTROS AJUDARAM OS ARTISTAS LOCAIS A LIBERTAREM-SE"



"As pessoas tinham saído do fascismo e não estavam habituadas a pensar. Este evento vinha exactamente fazê-las pensar". E esta a opinião de José Correia, professor de danca na Casa da Cultura, sobre os Encontros Internacionais que considerou altamente interessantes pois "esses adventos vieram renovar uma série de ideias préconcebidas que havia naquela época". Acha que decorridos apenas três anos da Revolução dos Cravos, a arte ainda era encarada de forma "linear e muito púdica e muitos artistas vieram provar que a Arte também extravasa fronteiras'

José Correia assistiu a muitas das intervenções, como aquela em que uma das artistas fez uma escultura na Praça do Peixe e que as pessoas a destruíram. "Foi uma das acções que deu muita polémica". Em especial porque se tratava de uma escultura em homenagem ao 16 de Março, movimento que apesar de falhado já fazia antever a revolução do 25 de Abril. A escultura de Clara Menéres foi destruída à picareta pela população que, por certo, não a entendia.

Recorda que houve uma exposição no Museu Malhoa de falos que chocou alguns quando afinal "é uma forma de arte já desde os gregos e cartagineses e que veio chocar com as sensibilidades pré-concebidas, burguesas das pessoas das Caldas". Recorda-se também do aproveitamento que vários partidos políticos tentaram tirar deste evento,

lançando comunicados para a comunicação social - que, sem dúvida alguma, "tiveram um grande impacto pois vieram mexer com a cidade".

Recorda a performance de uma artista, no salão Nobre da Casa da Cultura, que depois de ter passado todo o seu corpo por chocolate, rolou sobre papeis de cenário, "criando figuras que cada um idealizava à sua maneira". Outro artista que no Parque criou efeitos com fogo de artifício e tentou criar efeitos pirotécnicos que "as pessoas também travaram". Recorda igualmente uma outra série de eventos passados na Praça da Fruta, perante a multidão, que criaram muita polémica e houve ofensas corporais e, por isso, "teve que vir a polícia para proteger os autores'

Para o bailarino e professor foi fundamental a realização dos IV Encontros nas Caldas, em especial, para os artistas locais pois "nos trouxeram várias novas ideias e novas formas de estar na Arte". Este responsável iá na altura organizara vários bailados no Teatro Pinheiro Chagas. Para ele, as pessoas que lidaram menos bem com a situação foram os ""velhos do Restelo pois havia gente que considerava algumas intervenções como pornografia"

Assistiu a grande parte das manifestações, numa delas com barafunda e pancadaria, no entanto, é um dos que louva a vinda de semelhante iniciativa pois em nada se escandalizou e ficou inclusivé com muita pena que estes adventos tenham cessado, pois no fundo "vieram trazer aos artistas da cidade uma outra forma de olhar e apercebemo-nos que ainda havia certos preconceitos contra os quais tínhamos que lutar". Acredita que esta grande intervenção artística que invadiu a cidade em Agosto de 77 "aiudou mesmo a libertar-nos de alguns tabus que ainda tínhamos



A intervenção dos palhaços no Museu

"TUDO ESTREMECEU NAS CALDAS COM OS ENCONTROS DE ARTE"

"Foi uma grande jornada cultural, embora se tratasse de um arte diferente daquela que existia no museu que, ainda assim, já se dedicava a outros aspectos da arte contemporânea", disse o director do Museu de José Malhoa da altura, Saavedra Machado, relembrando que aquela foi a primeira vez que se fez algo de semelhante naquele espaço museológico.

Lembra ainda que o Museu foi palco das mais variadas intervenções desde debates, performances, exposições e que ocorreram algumas "que não eram muito próprias para aquele espaço", afirmou o responsável que tem consciência que, na altura, "fui rotulado de fazer censura". E isto porque mandou retirar uma peça de Carlos Baroco, que tinha um falo branco e que foi colocada junto a uma das estátuas do mu-

"Havia um protocolo entre a SEC, o Museu e os organizadores do evento onde os artistas se comprometiam a não "chocar" as suas produções com o que existia no Museu. Claro que o acordo não foi cumprido", relembra e, como tal, "mandei retirar as peças, tal como faria ainda hoje" pois considera que houve pessoas que revelaram "um certo desagrado" com tais manifestações.

Vivia-se uma época de grandes mudanças e da parte dos artistas, "havia radicalismo não só nas suas produções, mas mesmo entre eles". O exdirector recorda, por exemplo, que nos longos passeios de bicicleta de Júlio Pomar "por onde ele passava "destruía" as obras dos seus colegas". A realização dos Encontros foi por isso. em todos os aspectos, "surpreendente e sobretudo com actividades muito inesperadas'

Esta iniciativa fez, no fundo, "estremecer tudo na cidade" pois acarretou uma renovação "de mentalidades, das próprias instituições, dos artistas e até da população". Afirma ainda que se fossem hoje organizado estes encontros "iá não haveria toda aquela polémica", e acha que estes eventos dependem dos artistas que neles colaboram. Naquela época estava tudo muito sedento de liberdade e as atitudes proporcionavam o exagero"

"INTERVENÇÕES MUITO AVANÇADAS NO TEMPO"

Mário Lino lembra-se perfeitamente de ter assistido a várias intervenções artísticas. Aquela que não vai esquecer, pelo arrojo da atitude, foi proporcionada por um artista francês por ter colocado um instrumento musical na relva do Parque D. Carlos e ter "tido a capacidade de mobilizar várias pessoas" que, com ele, ficaram a aguardar que o instrumento começasse a tocar sozinho.

Recorda que houve as mais variadas manifestações na Praça da República onde se deram "alguns confrontos físicos por parte da população que não entendeu a forma de intervir na arte daqueles autores".

Diz, no entanto, que apesar de não ter existido grande gravidade "algumas pessoas ficaram magoadas". Em ambas as praçashouve necessidade de intervenção da polícia pois para "parte da população aquilo foi um grande choque". Na sua opinião, aquelas intervenções "estavam talvez adiantadas no tempo" e parte das pessoas "não as conseguiam entender".

Recorda a performance de uma autora que revestiu

o corpo em chocolate (que aparece na foto da primeira página) para depois rolar sobre papel de cenário, ou uma outra intervenção que implicava a fotografias de nus e que "não foram aceites, gerando grandes controvérsias. E assim morreu ali e nunca mais se fizeram cá os Encontros".

Entre as mais interessantes, recorda um artista que lançava cordas de sisal de um dos altos prédios da Praça da República ou ainda as pequenas explosões de petardos junto ao Museu Malhoa "que para a população nada tinham haver com arte eram sim, uma provocação" e que reagiram com alguma violência para com quem apenas queria demonstrar as suas ideias. "Era ainda um período revolucionário, de contestação e, portanto, geraram-se conflitos em volta dessa programação"

Segundo Mário Lino, algumas das intervenções "estavam bem", outras, pelo facto de estarem adiantadas no tempo, foram tidas como afronta pela população. "Penso ainda que a linguagem utilizada nalgumas, também não foi a mais adequada"

Natacha Narciso
nnarciso@gazetacaldas.com





Giner preparando a explosão de petardos/etiquetas onde estavam escritas palavras como opressão, repressão, censura, interdição, hierarquia, poder, escravatura, exploração, etc., para destruir a imagem da imagem da imagem



intervenções-magníficas

Revista Colóquio-Artes da Gulbenkian dedicada aos Encontros Caldenses

Segundo um artigo de Eurico Gonçalves, crítico de arte que também esteve nos Encontros, publicado na revista Colóquio-Artes (Outubro de 1977, edição da Fundação Calouste Gulbenkian), contava que a iniciativa visava "através de uma convivência necessária entre artistas e as populações locais uma confrontação de atitudes, ideias e opiniões, a sensibilização à linguagem dita artística que escapa por assim dizer aos códigos habituais da vida quotidiana ou, inevitavelmente, entra em choque com valores estabelecidos". Acrescentava ainda que procuravam ainda "desbloquear a arte portuguesa da sua condição de isolamento, libertando-a de possíveis complexos de inferioridade em relação ao panorama artístico internacional".

Assim, o autor era da opinião que, com o aval das entidades locais estes Encontros mostram que os espaços livres da intervenção artística "podem ser convertidos em festa ou em grandes espaços livres da intervenção artística...".

Sobre as várias manifestações nas Caldas começou por descrever aquelas que decorreram no Museu de José Malhoa. A série de debates e manifestações que ali decorreram "não deixou de provocar a reacção e a indignação dos mais conservadores". E isto porque se tratava de um objecto fálico da autoria de Carlos Baroco que "foi discretamente retirado, por ordem do director do Museu da exposição "Presença" por ter chocado a moral burguesa – trata-se de um objecto lírico, não erótico com uma flor ressequida e um phalo branco e menos grotesco que o das Caldas dentro de uma caixa-vitrina".

Segundo Eurico Gonçalves a "excomunhão" do referido objecto deve-se ao facto de "ter sido exposto ao lado de uma escultura "mamarracho" que representa uma individualidade histórica (Gonlavez Zarco) e que, pelas proporções da estátua, está indevidamente colocada no interior do Museu".

Referiu-se ainda a um conjunto de fotografias de Clara Menéres, a formas fálicas em pedra, observáveis do castelo de S. Jorge, em Lisboa, "mostrando assim que nós vivemos rodeados desses símbolos, sem que isso nos incomode".

Analisando as várias manifestações que decorreram pelos vários espaços públicos por toda a cidade, seleccionámos alguns excertos que assim contribuem para explicar a dimensão do evento a nível nacional, narradas por aquela revista de referência, bem como as várias reacções que estas suscitaram:



Serge III preparando-se para uma intervenção no lago e outra na Praça da Fruta





O crítico de arte Eurico Gonçalves numa intervenção com Serge III

INTERVENCÕES NO PAROUE D. CARLOS I

"As Crianças e os Outros" foi o título de uma sequência de rituais realizados pelo casal britânico Miller e Cameron que provocaram as mais absurdas reacções e os comentários mais contraditórios da parte do público adulto, que, no entanto, observou tudo até ao pormenor fascinado pelo desenrolar da acção, "não arredando pé destes espaços ludicamente vividos, que despertaram em cada um de nós algo que estava abajado, recalcado adormecido e esquecido: a pureza da infância, a criança-poeta, impedida de crescer e de amar, sem quaisquer preconceitos".

A recriação do imaginário pôde ainda ser observada na modelação em papel de um enorme dragão, na ilha do parque, pelo casal suíço Alain Peclard e Sarah Wiane. Esse dragão foi posteriormente pintado pelas crianças e deitado à água do lago, onde foi destruído pelo fogo de artifício, proporcionando um impressionante espectáculo de fantasmagoria, luz e cor.

Durante os doze dias dos Encontros, e sempre à mesma hora, o grupo Puzzle (constituído por João Dixo, Albuquerque Mendes, Pinto Coelho, Jaime Silva, Graça Morais e Armando Azevedo) realizou um ritual repetitivo, intitulado "O Calendário" que consistiu em recortar uma tira de tela, correspondente a 1/12 de uma pintura colectiva e guardá-la religiosamente num relicário, juntamente com as diversas oferendas recolhidas durante o dia por cada um dos componentes do grupo. No final dos Encontros, o relicário foi enterrado no jardim anexo ao Museu de José Malhoa e, posteriormente foi desenterrado e destruído.

EXPLOSÃO DE PETARDOS E ODE ÀS 4 ESTAÇÕES NA PRACA DA REPÚBLICA

Os rituais com petardos do francês Giner fizeram explodir etiquetas onde estavam escritas palavras como opressão, repressão, censura, interdição, polícia, chefe, patrão, director, hierarquia, poder, escravatura, exploração, mercado, etc., destruindo a imagem da imagem da imagem, sempre recuperável através da fotografia do detrito que surge como novo objecto de consumo. Escusado será dizer que a detonação foi cada vez mais forte e a capacidade de recuperação também.

Albuquerque Mendes e a sua acompanhante Teresa realizaram quatro rituais do museu à Praça da república sobre as quatro estações do ano. Pelo incurso à simbologia cristã e pela convicção, esplendor, êxtase e solenidade com que estas cerimónias foram celebradas compete a cada um descobrir o seu verdadeiro significado e alcance: trata-se de uma desmistificação anticlerical que será antes a mistificação da mistificação.

"Para cada um a sua verdade" poderia ser o título do ritual que o "Círculo de Artes Plásticas de Coimbra" efectuou em silêncio na Praça da República através da linguagem simbólica das cores.

MÚSICA E DANÇA ATRAÍRAM O PÚBLICO

O público aplaudiu e entusiasmou-se com o concerto de música experimental e improvisada pela "Operation Céros" constituída por Philipe Pochan (violoncelista), Richard Marechin (pianista), Jacques Berrocal e Daniel Desdays (trompetistas).

Um dos espectáculos que mais sensibilizou pela sua qualidade e expressividade foi o "ballet" sem música ou com a música dos corpos do arménio Michel Hallet e do francês Pierre Deloche, com a magistral participação de um único figurante: Christian Tobas... que reconstitui em silêncio cenas simples do quotidiano como limpar o pó a um piano de cauda ou transportar uma jarra de flores.

AS ARROJADAS PROPOSTAS DE ORLAN E CHANTAL GUYOT

No Museu de José Malhoa a francesa Orlan usou a body-art, arte com o corpo, assumida em atitude de posse que tanto se expõe nua como a "Grande Odalisca" de Ingres ou a "Vénus" de Boticelli, como provoca um confronto com a "Gioconda" de Leonardo da Vinci, estabelecendo ao nível das imagens clássicas da História da Arte, uma pertinente relação entre a Arte e a Prostituição.

Numa aproximação com o quotidiano, Orlan vendeu, junto aos mercados da fruta e do Peixe, bocados da fotografia do seu corpo nu, que teve a intenção de mostrar carimbado, como a carne de vaca que se vende no talho. Ela tentou ainda atravessar nua o jardim público e identificar-se com algumas estátuas de nus femininos aí expostas, mas receou a reacção demasiado primária da população local. De toda a sua actuação, há uma conclusão a tirar: numa sociedade permissiva, aceita-se melhor a imagem do corpo do que o próprio corpo.

Mesmo quando Chantal Guyot cobriu a nudez do seu corpo com "mousse" de chocolate houve quem interpretasse isso como pura acção estética, e houve quem mais chocado, invocasse a chamada "ofensa à moral pública".

"DESFECHO LAMENTÁVEL QUE NÃO INVALIDA O OUE HOUVE DE POSITIVO NOS ENCONTROS"

No último dias dos Quartos Encontros de Arte, o grupo Acre, constituído pela escultora Clara Menéres e pelo pintor Lima de Carvalho, depois de muitas horas de trabalho não remunerado, viu destruída à picareta uma escultura que quis erguer na Praça do Peixe, em alusão ao 16 de Março de 1974, data em que um movimento militar das Caldas tentou fazer o que só foi possível um mês depois, em 25 de Abril do mesmo ano, o derrube do regime fascista em Portugal. Volvidos três anos e meio , a reacção ainda lá está e não só não permititu tal tipo de evocação, como perseguiu à paulada alguns artistas, participantes nestes Encontros e destruiu muitos objectos e símbolos de uma intensa actividade desenvolvida durante 12 dias, evidenciando assim um total desrespeitos pelo trabalho não remunerado dos artistas. Desfecho lamentável que não invalida o que houve de positivo nestes Encontros.

Além das obras de escultura, pintura e objectos que os artistas estrangeiros e nacionais ofereceram à municipalidade, com o objectivo de criar aí um museu de Arte Contemporânea, houve artistas como o bailarino arménio Michel Hallet e o casal suíço Wiane e Peclard que trabalharam gratuitamente com as crianças da localidade, em pintura, modelação, ballet e outras formas de expressão livre.

Entre outros aspectos positivos, estes Quartos Encontros internacionais de Arte, promoveram o debate e a reflexão crítica num campo que estava for a das preocupações da população local: o campo vastíssimo da Arte, que também precisa de ser desbravado, semeado e cultivado para produzir os seus frutos.

N.N



Rituais de Albuquerque Mendes sobre as quatro estações do

19 DE AGOSTO DE 1977

"A Arte é Sintama?"

(Retirada do painel exposto no espaço do Colectivo de Mulheres, na Casa da Cultura)

Controverso, violentamente contestando, religiosamente seguido, mesmo pelos seus mais violentos opositores, são os Quatro Encontros Internacionais de Arte, o quotidiano das Caldas (foram-no desde o início do mês até...) o "leit-motiv" de todas as conversas do povo desta região, que um tanto inesperadamente tem assistido (participado!) às intervenções mais incompreensíveis (?) e tão distantes da sua vivência

Pedra no charco, tempestade depois de tantos anos de acalmia, estes Encontros têm sido importantes até por não deixarem ninguém indiferente. Perante cada obra, cada intervenção, cada espectáculo, ninguém fica indiferente, todos tomam posição.

"Não percebo nada disto, não entendo o que eles guerem. São malucos. O mundo está a acabar. Nunca tal foi visto. O que guerem é juntar as pessoas para depois roubarem as carteiras. Tanto dinheiro mal gasto. São uns indecentes. Não respeitem a moral. Maravilhoso. Dias sensacionalmente vividos. Onde é a próxima intervenção?" - alguns dos muitos comentários que foram ouvidos.

Centenas de artistas (mas o que é um artista? Cada pessoa encerra em si a arte...) têm criado nas Caldas um espaço de interrogações múltiplas sobre a sociedade, a cultura, a vida, o sistema, a morte

A maioria das pessoas exige a explicação de tudo o que vê. Mas será importante essa explicação total? O artista cria dentro dos seus parâmetros, que é a sua liberdade, aquele que assiste, deve procurar compreender, retirar dali a plástica e a beleza

Não pretendemos defender os Encontros, até porque eles próprios não o necessitam não pretendemos impinoir aos leitores a nossa teoria sobre a arte, até porque o nosso entendimento advém da nossa sensibilidade e liberdade que pretendemos erquer, pretendemos apenas lembrar de que não devemos condenar hoje, aquilo que amanhã poderá ser aceite pela totalidade. Se o fizéssemos estaríamos a ser os frustrados da história.

Gazeta da Caldas, durante estes dias intensos, procurou vivê-los por dentro, assistindo, participando, construindo - destruindo cada momento, cada obra, cada espectáculo, cada intervenção. Vivemos, ouvimos e não calámos. Estivemos nos controversos rituais de Albuquerque Mendes ou do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, ou ainda dos espaços vivos dos ingleses Miller e Cameron cheios de temura e de beleza, nos concertos de música concreta pelo grupo "Operation Ceros", no sensacional espectáculo de poesia visual pelo grupo Anima, das intervenções-magníficas de Nadir Afonso, desmitificando certos tipos de arte (oportunismo), nos trabalhos de Ballet com Michel Hallet, bailarino de grande craveira, que durante 12 dias desenvolveu um trabalho insano e profundo junto de dezenas de jovens caldenses e apresentou repetidas vezes um espectáculo inolvidável.

Isto que acabámos de dizer, são a ínfima parte daquilo que durante os Encontros aconteceu. Houve Teatro com a Comuna, nos Bombeiros. Fado num anti-debate com debate de Tobas, que inesperadamente convidou um fadista para a sua sessão que viria a terminar numa. festa popular em Peniche. Destruição por petardos dos mitos da sociedade actual, com Ginet, construção de um dragão em papel, que viria a ser pintado pelas crianças. Palhaços, intervenções de Orlan sobre o seu corpo, desenvolvendo trabalhos sobre o erotismo. Orlan viria a ter uma importante intervenção num dos debates sobre a criação feminina definindo o significado dos seus trabalhos. "O corpo é meu, uso-o como quero, mas não me vendo, muitos têm tentado explorar as minhas experiências que são profundamente sérias" – algumas palavras da artista.

Muitos tabus e conceitos morais foram postos em causa durante stes dias nesta cidade. Efoi isto que custou a muita gente. Bem ou mal, mas discretamente, sem grandes exibicionismos, pudemos ver mulheres nuas, realizando suas intervenções, dignamente, sem os menores comentários, desmontando toda uma série de conceitos erquidos até hoje. Cinicamente, muitos dirão, quão indecente foi o que se passou, esquecendo que perto num cinema, se vêem coisas mais indignas (segundo a mesma moral) e que neste país a troco de umas notas de 100 se assiste a espectáculos degradantes assentes sobre o corpo da mulher, explorando o machismo e as frustrações de uma casta.

Porquê então este cinismo? Talvez, porque certas mulheres não aceitem vender-se, mas que consideram o seu corpo, seu e passível das experiências plásticas que por bem entendam desenvolver.

Este terá sido um dos pontos relevantes destes dias. Outro, e que virá beneficiar enormemente as Caldas é a criação aqui, e já com a colaboração do Museu de José Malhoa, do primeiro Museu Nacional de Arte Moderna, que será o Museu dos Encontros e um espaço vivo da arte moderna no nosso país. De imediato ficará uma sala destinada a tal fim. Várias obras de artistas nacionais e estrangeiros presentes nos encontros ficarão aí a atestar a sua passagem por agui e a servirem de embrião ao lançamento dum museu vivo da arte moderna nas Caldas.

Só por isto mereceu a pena, que se realizassem nas Caldas estes Encontros Internacionais. Certo, que o concelho, o país, necessita de



Fazendo poesia papel higiénico

investir riqueza para resolver os problemas que afectam o dia a dia das suas populações, são necessários esgotos, electricidade, estradas, casas para habitação, etc., mas pensamos que uma coisa não impede a outra. Há certas verbas destinadas à cultura, que deverão aí ser consumidas, pois a cultura e/ou arte são o lastro da história e o testemunho do pensamento e da criatividade dos povos.

Terminamos mesmo dizendo, que a arte é na verdade o sintoma da vida em cada sociedade. É sintoma e muito mais...

José Luís de Almeida e Silva (19 de Agosto de 1977)





Egídio Álvaro Graça Morais



Christian Tobas dançando na performance de Michel Hallet



Graça Morais pintando sobre plástico

Cazela das Caldas a hos VII

Recortes da *Gazeta das Caldas*



Hábitos excêntricos

"Desde domingo, que a fisionomia dos veraneantes caldenses se alterou com a chegada maciça de mais de uma centena de artistas portugueses e estrangeiros, com especial incidência de nacionalidade francesa

Portadores de hábitos excêntricos, talvez chocando um <u>pouco o "modus vive</u>ndi" da população da região, aqui chegaram para participar nos IV Encontros Internacionais de Arte..

(G.C., 3/8/77)

Gostaria de propor uma acção sobre "arte-prostituição"

"Meço as ruas com o meu corpo. Multo. Ponho portas nas portas importantes da cidade. Faço acções dobre o pai Natal. Gostaria de propor uma acção sobre "arte-prostituição". Gostaria de enviar um convite às pessoas importantes do mercado da arte pedindo-lhes para vir ajudar a criar uma obra enodoando com a obra de "amor" os lençóis do meu enxoval. O par pode guardar o anonimato, vir com perucas, óculos escuros, vendas, etc. A acção será filmada em vídeo e fotografada. Gostaria de "receber numa tenda ou pequeno circo colocados num jardim público ou numa "galeria". Orlan.

"Trabalharei em intervenções urbanas com Jean-Michel Lopez, Pierre Nogues e Gérard Tiné. Todo o meu trabalho será organizado nas Caldas. Será baseado em etiquetas cujo tema é o poder e que serão destruídas pela explosão de petardos". Giner

(Suplemento Cultural G.C., 29/7/77)



Agitadores "profissionais" vindos de for a da čidade

'A Câmara Municipal constata hoje que os objectivos que se tinham em vista não foram totalmente atingidos facto que muito sinceramente lamenta. No entanto, em última análise, tiveram o valor de quanto mais não fosse, pôr durante 12 dias uma cidade inteiramente a preocupar-se com Arte

O Município apercebendo-se das reacções públicas desfavoráveis a determinado tipo de manifestações procurou que o mesmo fosse evitado para que a sensibilidade da população não mais fosse ferida e os Encontros pudessem atingir o seu termo.

O Município desagradavelmente surpreendido com os acontecimentos do último dia dos Encontros, alerta a população para as manobras de certas forças interessadas em criar um clima de destabilização que sirva os seus inconfessados interesses, não hesitando em recorrer a agitadores "profissionais" vindos de fora da cidade, ou atiçar os ânimos com "oportunos" comunicados de ataque à Câmara e ao Governo"

(Comunicado da C.M.C.R., 13/8/77)

Demonstrações falsamente artísticas

"A organização de Caldas da Rainha do PCP, vem por este meio lavrar o seu protesto contra as falsas manifestações de "Arte" que todos os caldenses têm sido obrigados a ver nas praças públicas da cidade

È inadmissível que as autoridades competentes, nomeadamente a Câmara Municipal e a Secretaria de Estado da Cultura, órgãos do governo responsável por estas actividades, não tenham tomado qualquer atitude para impedir tão escabrosos "espectáculos". Pior ainda, todos nós temos de pagar, e de que maneira, para vermos aquilo que em nada nos interessa.

Com as demonstrações falsamente artísticas ocorridas nestes últimos dias, gerou-se na cidade e nas freguesias rurais, um grande movimento de repúdio com a má utilização dos dinheiros públicos. A direita, também cedo se apercebeu disso e passados poucos dias começou a lançar o boato, que era obra dos comunistas, enfim, o costume. (...) O que se tem passado na cidade nada tem a ver com Arte. A Arte deve estar ligada às populações, ser uma fonte de atracção e de expressão dos seus sentimentos. O que se tem feito é ANTI-ARTE!"

(Comunicado da CC de Caldas do PCP., Agosto/77)



Orlan numa intervenção na Casa da Cultura

A arte, quando é ARTE aceita-se, nem se discute

"Face a alguns comunicados de outros partidos políticos que pretendem atirar poeira aos olhos do povo desta terra; a um porque lhe fugiu o controle daquilo que normalmente apoia - a contestação social - neste país e neste momeno, tome ela a forma que tomar e a outro porque pretendeu livrar-se da sua co-responsabilidade quanto ao aspecto negativo e anti-popular numa iniciativa que apadrinhou, é nossa indeclinável obrigação vir perante a população repôr a verdade dos factos. (...)

Achamos estranho que se pretenda livrar uma Câmara da responsabilidade que lhe cabe, inteiramente, por tal realização. Não vamos seguer analisar se estes Encontros tiveram ou não interesse: a arte, quando é ARTE aceita-se, nem se discute se se não compreende ou se não sente. Entre alguns artistas de valor que estiveram presentes, nouve outros degradados moralmente, que se infiltraram e que deram áquilo que poderia ter sido uma riquíssima lição de Arte Moderna ou de vanguarda o aspecto condenável dum espectáculo moralmente iníquo e por isso popuarmente repudiado, mas somente à Câmara competia a proibição pura e simples dos aspectos mais negativos deses encontros, dado que logo no primeiro dia um falo em barro, que se pretende, ofensivamente considerar como um símbolo da cerâmica caldense foi pendurado na estátua de Malhoa. A desmistificação do sexo pode ser aceitável mas se um Partido Político a condena, que o fizesse logo no primeiro dia, pois não se nos afigura que o Governo possa ser acusado de não ter visto de Lisboa, aquilo que a Câmara não viu... AQUI!"

(Comunicado do Secretariado do PS Caldas., 27/8/77)



Chantal Guyot cobriu a nudez do seu corpo com "mousse" de chocolate houve quem interpretasse isso como pura acção estética, e houve quem mais chocado, invocasse a chamada "ofensa à moral pública".

Ocorreram insólitos e vergonhosos actos de ofensa e provocação à moral e dignidade públicas

"Que nos IV Encontros Internacionais de Arte efectuados nesta cidade durante a semana finda em 13 de Agos to corrente ocorreram insólitos e vergonhosos actos de ofensa e provocação à moral e dignidade públicas; Que infelizmente não houve nesta cidade quem, não obstante o repúdio generalizado, se julgasse em posição e dever de fazer cessar tão degradantes manifestações de corrupção cívica e moral, patenteadas em locais públicos sem o mínimo de respeito da esmagadora maioria que se recu sa a admitir a prostituição como meio de cínica emancipação da mulher e que ao menos na sua pureza de instintos não concebe requintes de aberrações aviltantes; Que nesta manobra de revoltante subversão moral nem no mínimo se evitaram traumatismos psíquicos e emocionais a adolescentes indefesos.

> (Moção aprovada na Assembleia de Delegados da Casa do Povo das Caldas., 16/8/77

Por detrás desta manifestação de arte um objectivo político

'O PSD de Caldas da Rainha lamenta profundamente que os organismos governamentais patrocinadores destes Encontros (que conheciam as reacções da população em outros locais), não tenham prevenido o município caldense, como Ihe competia.

Por isso, o PSD reconhece que a Câmara foi traída nas suas boas intenções: proporcionar aos Caldenses um contacto com a arte e engrandecer a celebração do cinquentenário da cidade.

Hoje o PSD convence-se que por detrás desta manifestação de arte, esteve também, um objectivo político: atingir uma Câmara em que o PSD é o maior partido e, em especial, o seu Presidente da Câmara. (...)

O PSD não aceita a versão dos acontecimentos da ANOP em que esta procura responsabilizar pessoas de Rio Maior pelos acontecimen-Só aceita a versão do comunicado da Câmara, na medida em que se refere ao partido comunista.

(Comunicado da CC de Caldas do PSD, 15/8/77)



Ritual do Grupo Puzzle

Difícil se torna descrever tudo

"As intervenções do meio urbano foram realizadas pelo grupo português Puzzle, com rituais no Parque e no Museu, onde cerca das 19 horas cortaram cerca de 1/12 duma sua obra que encerraram numa urna com outros objectos simbólicos. Este exercício será repetido todos os dias do Encontro, até ao desaparecimento total da pintura. Também o grupo de palhaços convidado, actuou no parque, mimando cenas de toda a sorte e por fim participando num trabalho de erotismo com outro artista que se encontrava imobilizado junto da sua obra dentro do museu

Difícil se torna descrever tudo o que assistimos durante a tarde, apenas recomendamos aos leitores que apareçam e participem. Não se admirem do choque que poderão sofrer ao assistirem a certas intervenções

Os programas das intervenções serão afixados diariamente no parque, junto ao museu, e na pra-ça, junto ao turismo. Os espaços preferidos para as intervenções foram o parque, a mata, a praça da fruta, a praça do peixe, o museu, a casa da cultura, as antigas instalações do BPA

As horas preferidas para as intervenções são a partir das 15 horas nos locais já citados, não obstante tudo poder acontecer for a destas horas e nos

(G.C., 3/8/77)

De repente dois polícias à paisana

"Apanhadas de surpresa, as pessoas que se en-contravam no parque na tarde de segunda-feira, reagiram de forma activa à primeira intervenção realizada no encontro da responsabilidade do grupo Puzzle. Inesperadamente estes artistas iniciaram um ritual, no parque, que mobilizou a atenção dos passantes

Alguns, mais incomodados, ao se depararem com alguns e algumas personagens trajando exoticamente com máscaras, alertaram os guardas do parque, que tentaram providenciar para que a polícia viesse investigar o que se passava. Entretanto foram demovidos por alguns organizadores ou colaboradores, ocasionalmente na zona. Mas a história não iria parar por aqui, pois outras pessoas tinham ido a corre chamar a polícia.

De repente dois polícias à paisana, dirigem-se para o parque na tentativa de deter os insólitos visitantes. Cena rodeada dum certo humorismo, que viria a terminar em bem, como mandam as regras destas coisas, após um esclarecimento feito pelos organizadores aos agentes da autoridade, que diziam estar a cumprir as ordens dos seus superiores.

Mais tarde o Comissário da PSP viria ao Parque pedir desculpa pelo acontecido, que não passou dum momento divertido e que viria a ser o objecto da história do dia.

(G.C., 3/8/77)



Cuspindo fogo no parque

Não cabe a "nós partido político a apreciação do ponto de vista estritamente artístico

"[O deputado municipal Fernando Costa] manifestou ainda o seu apreço à Câmara pela realização das comemorações do 50º aniversário da elevação a cidade das Caldas da Rainha, destacando do programa os Quartos Encontros Internacionais de Arte e a Exposição de Cerâmica.

Sobre os Quartos Encontros o PSD, segundo o orador, manifestou iá a sua posição, pois não cabe a "nós partido político a apreciação do ponto de vista estritamente artístico, no entanto já o dissemos que não pudemos ficar insensíveis a determinados tipos de manifestações que atingiram a sensibilidade do povo caldense, na sua dignidade e na sua moral. Sabemos o que a Câmara fez para evitar esses ultraies à moral pública e que o nosso apoio incondicional à Câmara nem por isso deixa de ser dado'

(Deputado municipal Fernando Costa na A.M., G.C. 21/9/77)